

## O retorno e a quarentena mortífera (XXII)

Rogério, meu cunhado, filho de Dona Zilá (minha sogra), até que nos recebeu relativamente bem. Mascarado de um jeito parecido com o do motorista do uber, manteve de nós uma distância de 4 metros, mas estava sorridente. Levou-nos logo ao quartinho dos fundos. Uma cama e um colchão (no chão), uma cadeira de plástico, um armário caindo aos pedaços e uma sujeira que ele justificou antes que sua mãe reclamasse: *“A faxineira está em quarentena.”* Gentil, disse que se nós quiséssemos pedir alguma coisa para comer era só pedir no telefone que ele me passou após calçar uma luva. De costas. Acho que pra não sentir a minha respiração. Rogério mandou um beijinho pra Dona Zilá com um bico de beijo que empinou a máscara e caprichou no ruído *bidjuzzzzzszszzzzzzz*.

Nem pedimos comida, o frio de Itaipava alaskiano congelou nossa fome. Por sorte, o armário desmilinguido tinha uns cobertores, furados, porém cobertores... O banheiro situado no meio do quintal exposto à nevasca era um convite à bexiga elástica e à retenção fecal. E pra dormir? Por sorte Dona Zilá era cochiladora profissional e sua meia surdez providencial. Ela não ouvia os ventos uivantes que zuniam no telhado de amianto do quartinho. Logo pensei que tinha me livrado da pandemia até aquele momento, mas da asbestose (doença produzida pelo amianto) ia ser difícil. Exatamente às 4 da manhã, quando eu tinha conseguido cochilar ouvi o estrondo e o frio aumentou. Uma das folhas de amianto se espatifou lá pros lados do banheiro. Meia hora depois a sogra acordou tremendo como um manjar e perguntou o que estava acontecendo. Quando eu disse que um pedaço do telhado tinha se escafedido ela gritou: *“Vamos pra casa!!”* Eu disse que nem era 5 da manhã, estava escuro, um frio glacial, pandemia, violência social, assaltantes, milicianos notívagos, ela me interrompeu. *“Conversa fiada, aqui é Itaipava, assim que amanhecer pegamos o primeiro táxi e voltamos pro Rio. Eu pago!”* Fiquei pensando com meus botões que ela pensava que estava na Barata Ribeiro em que a qualquer hora tem táxi passando. Aí lembrei do telefone que o Rogério me passou. Depois de tocar tocar tocar uma voz cavernosa atendeu perguntando qual o endereço. Fiz um malabarismo retórico para dizer que eu faria um pedido de alguma comida apenas pra conseguir um táxi. A voz respondeu com uma pergunta: *“Você não prefere que eu lhe passe o número do táxi?”*

Desde o tempo do ginásio (que hoje chamam de 2º grau) que eu me achava burro. Há décadas venho confirmando isso. Quando o táxi chegou 5 e meia da manhã Dona Zilá foi logo falando que pagava qualquer coisa pra nos levar pra Copacabana. Quando eu vi os olhos sonolentos do motorista brilharem, eu ainda tentei dar um toque na velha, mas já era tarde. Esperei resignado a trolha. *“Senhor, pela hora, pandemia, essas dificuldades, o preço seria mil e duzentos reais, mas como sua esposa é uma senhora com problema de locomoção faço por 850 reais.”* Senti que se eu explicasse que ela era minha sogra, o preço podia aumentar e aí perguntei *“aceita cartão?”* Sorridente, o chofer respondeu: *“Na hora, brother!!!”*

Quando estávamos saindo, pra não criar problemas familiares, perguntei a Dona Zilá se ela não ia se despedir do Rogério. *“Não, Domi, ele trabalha muito, deve estar cansado, ainda mais nessa quarentena. Depois, você viu como ele nos recebeu com tanto carinho? E o beijo? Foi o beijo mais lindo que eu já recebi de meu filho querido. Quando chegarmos no Rio eu ligo pra ele pra agradecer e combino o depósito.”* Fiquei matutando – depósito? – que depósito? Aquela palavra me martelou até chegarmos ao aterro do Flamengo lá pelas oito da manhã. Aí não aguentei: *“Dona Zilá, a senhora falou que vai combinar com o Rogério o depósito. A senhora se importa de eu saber? De repente posso ajudar em alguma coisa.”* Ela foi bem elucidativa: *“Ora, você é muito bobinho. Você acha que ele ia te receber de graça? Ele nem vai muito com a sua cara... E as despesas dele? Os cobertores, a hotelaria, as horas de sono perdidas, a recepção calorosa, o telefone que ele te concedeu. Aliás, telefone que nos salvou. Mas não se preocupe. Eu gosto bem de você. Eu pago!”* Chegamos em casa e não havia ninguém, mas isso (infelizmente) é outra história. ●●●